

# TRADUÇÃO

GARFINKEL, H. **Conhecimento de senso comum das estruturas sociais: o método documentário de interpretação no levantamento leigo e profissional de fatos.** In: \_\_\_\_\_. *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1996 [1967]. Cap. 3. P. 76-103.

## CRÉDITOS DA TRADUÇÃO

A tradução foi coordenada pela prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Clara Castellões de Oliveira, executada por Bráulio de Oliveira Silveira, e o estabelecimento do texto final, pelos professores Dr. Paulo Cortes Gago (Departamento de Letras) e Dr. Raul Francisco Magalhães (Departamento de Ciências Sociais), da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Revisão técnica: prof. Dr. Paulo Cortes Gago e prof. Dr. Raul Francisco Magalhães

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à prof<sup>a</sup> Dra. Anne W. Rawls da Bentley University que gentilmente permitiu a publicação sem custos do presente capítulo e ao prof. Dr. Frédéric Vandenberghe do IESP/UERJ, que mediou essa solicitação. Agradecemos especialmente à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, representada à época pela prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cristina Lobo Name, por ter-nos disponibilizado os recursos públicos necessários para viabilizar a tradução. Pela mesma razão, cabe-nos agradecer ao prof. Jessé Souza, que fomentou parte desse projeto com recursos do Pronex-FAPEMIG. Agradecemos à prof<sup>a</sup>. Maria Clara Castellões de Oliveira por ter acolhido o nosso projeto de tradução no âmbito de seu curso de bacharelado de tradução da UFJF e tê-lo levado a cabo com tanto profissionalismo e cuidado. Agradecemos também ao prof. Dr. Berthold Öelze, da Universidade de Passau (Alemanha), como um dos incentivadores iniciais do projeto de traduzir para o Português textos essenciais em Etnometodologia por ocasião de sua visita à UFJF, como professor visitante do Departamento de Ciências Sociais, em 2008. Agradecemos por fim à prof<sup>a</sup>. Marcella Beraldo, editora da Teoria & Cultura, que acolheu com entusiasmo a idéia de publicar esta tradução.

## APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO

Apresentamos ao público brasileiro a tradução do capítulo três da obra seminal *Studies in Ethnomethodology* (Estudos de Etnometodologia), escrita pelo sociólogo Harlod Garfinkel (1917-2011) e publicada pela primeira vez em 1967. Garfinkel já era então professor da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), onde desenvolveu a maior parte de sua carreira e tornou-se professor emérito.

O capítulo em questão – “Conhecimento de senso comum das estruturas sociais: o método documentário de interpretação no levantamento leigo e profissional de fatos” – deve ser, na verdade, considerado em conjunto com os dois capítulos que lhe antecedem, o um e o dois (já publicados nos volumes quatro e seis, respectivamente, da Revista Teoria e Cultura), por formar com estes últimos a base da teoria etnometodológica. Fundamentalmente, Garfinkel explora o tema do conhecimento de senso comum das estruturas sociais através do método documentário de interpretação, que “consiste em tratar uma aparência real como “o documento de”, como “apontando para”, como “se apresentando em nome de” um padrão pressuposto subjacente.” (1996 [1967], p. 78). Para tanto, o autor lança mão de uma metodologia experimental, levada a cabo com alunos de graduação do departamento de psiquiatria da U.C.L.A. O autor conclui o capítulo de forma emblemática, questionando os métodos tradicionais de observação em Sociologia, ao afirmar que “o problema da evidência consiste na tarefa de tornar esse fato inteligível.” (1996 [1967], p. 103).

Paulo Cortes Gago e Raul Francisco Magalhães

## CONHECIMENTO DE SENSO COMUM DAS ESTRUTURAS SOCIAIS: O MÉTODO DOCUMENTÁRIO DE INTERPRETAÇÃO NO LEVANTAMENTO LEIGO E PROFISSIONAL DE FATOS

Sociologicamente falando, a “cultura comum” refere-se aos fundamentos socialmente sancionados de inferência e ação que as pessoas usam em seus afazeres cotidianos e assumem que os outros usam da mesma maneira. Fatos-da-vida-em-sociedade-socialmente-sancionados-que-qualquer-membro-*bona-fide*-conhece descrevem tais temas como a conduta da vida familiar, organização do mercado, distribuição de honrarias, competências, responsabilidade, boa vontade, renda financeira, motivos entre os membros, frequência, causas de problemas e soluções para eles, e a presença de propósitos bons e ruins por trás do funcionamento aparente das coisas. Tais fatos da vida social, socialmente sancionados, consistem em descrições a partir do ponto de vista dos interesses do membro da coletividade<sup>1</sup> no gerenciamento de seus afazeres práticos. Baseando nosso uso na obra de Alfred Schütz<sup>2</sup>, chamaremos esse conhecimento de ambientes socialmente organizados de ações concertadas de “conhecimento de senso comum das estruturas sociais”.

A descoberta da cultura comum consiste na descoberta da existência do conhecimento de senso comum das estruturas sociais por cientistas sociais a partir de dentro da sociedade. Nessa descoberta, o cientista social trata o conhecimento e os procedimentos que os membros da sociedade usam para a sua montagem, teste, gerenciamento e transmissão, como objetos de interesse sociológico teórico.

Este artigo ocupa-se do conhecimento de senso comum das estruturas sociais como objeto de interesse sociológico teórico. Ele ocupa-se das descrições de uma sociedade, cujos membros, incluindo sociólogos profissionais, como uma condição de seus direitos efetivos para gerenciar e comunicar as decisões de sentido, fato, método e textura causal, sem interferência – ou seja, como condição de sua “competência” – usam e tratam como conhecidas em comum com outros membros e, juntamente com outros membros, tomam como dadas. Especificamente, o artigo está voltado para uma descrição do trabalho pelo qual decisões de sentido e de fato são gerenciadas e o modo como um corpo de conhecimento factual de estruturas sociais é agrupado em situações de escolha de

senso comum.

### O método documentário de interpretação

Há inúmeras situações de investigação sociológica, em que o investigador – seja ele um sociólogo profissional ou uma pessoa realizando uma investigação sobre estruturas sociais, no interesse de gerenciar seus afazeres cotidianos práticos – pode atribuir a aparências reais testemunhadas o status de um evento de conduta, apenas imputando biografia e projeções às aparências. Isso ele faz pelo encaixe das aparências em seu conhecimento pressuposto das estruturas sociais. Assim, acontece frequentemente que, para o investigador decidir para o que ele está olhando agora, ele deve aguardar desenvolvimentos futuros, apenas para descobrir que esses futuros, por sua vez, são informados por sua história e futuro. Quando espera para ver o que terá acontecido, ele aprende o que foi que ele viu previamente. Ou isso, ou ele toma como dadas a história e as projeções imputadas. Ações motivadas, por exemplo, têm exatamente essas propriedades problemáticas.

Por conseguinte, ocorre que o investigador frequentemente deve eleger entre cursos alternativos de interpretação e de investigação a fim de decidir questões de fato, hipótese, conjectura, fantasia, e todo o resto, apesar do fato de que, no sentido calculável do termo “saber”, ele não “sabe” nem mesmo pode “saber” o que está fazendo anteriormente a isso, ou durante isso. Pesquisadores de campo, mais particularmente aqueles que fazem estudos etnográficos e linguísticos em cenários, nos quais não podem pressupor um conhecimento das estruturas sociais, estão talvez mais bem familiarizados com tais situações, mas outros tipos de investigação sociológica profissional não são exceção.

No entanto, um corpo de conhecimento das estruturas sociais está de alguma maneira reunido. De alguma forma, as decisões de sentido, fatos, método, e textura causal são tomadas. Como, no curso da investigação, durante o qual tais decisões devem ser tomadas, isso ocorre?

Karl Mannheim<sup>3</sup> forneceu uma descrição aproximada de um processo, em sua preocupação com o problema do sociólogo de alcançar uma descrição adequada dos eventos culturais, do qual um exemplo importante seriam os conhecidos “comportamentos com um sentido subjetivo ligado e orientado por si mesmo em seu curso” de Weber. Mannheim chamou-o de “o método documentário de interpretação”. Ele se distingue dos métodos de observação literal, ainda que tenha um ajuste reconhecível com o que

muitos pesquisadores sociológicos, leigos e profissionais, realmente fazem.

De acordo com Mannheim, o método documentário envolve a busca de “... um padrão homólogo idêntico subjacente a uma vasta variedade de realizações totalmente diferentes de sentido”<sup>4</sup>.

O método consiste em tratar uma aparência real como “o documento de”, como “apontando para”, como “se apresentando em nome de” um padrão pressuposto subjacente. Não só é o padrão subjacente derivado de suas evidências documentárias individuais, como também as evidências documentárias individuais, por sua vez, são interpretadas com base em “o que se sabe” sobre o padrão subjacente. Cada um é usado para elaborar o outro.

Pode-se identificar o método nas necessidades cotidianas de reconhecer sobre o que uma pessoa está “falando”, dado que ela não diz exatamente o que ela quer dizer, ou de reconhecer tais ocorrências e objetos comuns como cartões, gestos amigáveis e promessas. Também pode-se identificá-lo na decisão de ocorrências sociologicamente analisadas de eventos, tais como as estratégias de gerenciamento de impressões de Goffman, as crises de identidade de Erickson, os tipos de conformidade de Riesman, os sistemas de valores de Parsons, as práticas mágicas de Malinowski, a contabilidade das interações de Bale, os tipos de desvio de Merton, a estrutura latente de atitudes de Lazarsfeld, e as categorias ocupacionais do serviço de recenseamento dos E.U.A.

Como isso é feito por um investigador, que, a partir de respostas a um questionário, encontra a “atitude” do entrevistado; que, através de entrevistas com o pessoal de escritório, relata suas “atividades burocraticamente organizadas”; que, pela consulta a dados policiais sobre crimes conhecidos, avalia os parâmetros de “crime real”? Qual é o trabalho, pelo qual o investigador coloca a ocorrência observada e a ocorrência pretendida em uma correspondência de significado, de tal forma que o investigador considera razoável tratar aparências reais testemunhadas como evidências do evento que ele pretende estudar?

Para responder a estas perguntas é necessário detalhar o trabalho do método documentário. Para esse fim, uma demonstração do método documentário foi elaborada para exagerar as características desse método em uso e para captar o trabalho de “produção de fatos” no ato.

### Um experimento

Recrutamos dez graduandos, dizendo a eles que uma pesquisa estava sendo feita no Departamento de Psiquiatria, com o objetivo de explorar meios alternativos para a psicoterapia “como uma maneira de dar conselhos a pessoas sobre seus problemas pessoais” (sic). Cada sujeito foi atendido individualmente por um experimentador, que estava falsamente representado um conselheiro de estudantes em treinamento. Solicitou-se ao sujeito que discutisse primeiro o contexto de algum problema grave sobre o qual ele gostaria de um conselho, e depois dirigisse ao “conselheiro” uma série de perguntas, cada uma permitindo um “sim” ou “não” como resposta. Foi prometido ao sujeito que o “conselheiro” tentaria responder com o melhor de sua capacidade. O experimentador-conselheiro ouvia as perguntas e dava suas respostas em uma sala adjacente, através de um sistema de comunicação. Depois de descrever o seu problema e fornecer algum contexto para ele, o sujeito fazia sua primeira pergunta. Depois de uma pausa padrão, o experimentador anunciava sua resposta, “sim” ou “não”. De acordo com as instruções, o sujeito então removía um plugue de parede que o conectava ao conselheiro, para que “o conselheiro não ouvisse seus comentários” e, gravava em uma fita seus comentários sobre a conversa. Após eles serem concluídos, o sujeito conectava o microfone e fazia sua próxima pergunta. Depois que ele recebia a resposta, voltava a registrar seus comentários, e assim procedia por pelo menos dez perguntas e respostas. Foi dito ao sujeito: “A maioria das pessoas costuma fazer pelo menos dez perguntas.”

A sequência de respostas, dividida igualmente entre possibilidades de sim e não, foi predefinida com uma tabela de números aleatórios. A todos os sujeitos que fizeram o mesmo número de perguntas foi administrada a mesma série de respostas sim e não. Após a sequência de perguntas e respostas, pedia-se ao sujeito que resumisse suas impressões sobre a conversa completa. Seguia-se uma entrevista.

A seguir, apresentam-se protocolos ilustrativos, não-editados.

### CASO 1<sup>5</sup>

SUJEITO: Ok, essa é a situação com a qual me deparei. Acontece que sou de fé judaica e tenho saído com uma garota gentia atualmente, faz mais ou menos dois meses. Meu pai não se opõe diretamente a essa situação, mas eu sinto ao mesmo tempo que ele não está muito feliz com isso. Minha mãe acha que, enquanto meu pai não se opuser diretamente a

situação, eu deveria ir em frente e continuar saindo com ela, até que ele faça alguma declaração direta contra. Minha razão para sentir por que ele não está muito satisfeito com isso é que ele nunca disse para eu não sair com ela, mas, ao mesmo tempo, ele vem com alfinetadas e ditados, que me deixam facilmente muito pouco à vontade de sair com a garota. Minha pergunta é, você acha que, nas circunstâncias atuais, eu deveria continuar, ou parar de sair com essa garota? Deixe-me colocar isso de uma forma positiva. Você acha que eu deveria continuar saindo com essa garota?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Não. Bem, isso é bem interessante. Eu meio que acho que realmente não há grande animosidade entre meu pai e eu, mas, bem, talvez ele ache que um desafeto maior vai se originar disso. Eu suponho que seja, ou talvez seja mais fácil para uma pessoa de fora ver certas coisas, para as quais estou cego neste momento.

Gostaria de fazer minha segunda pergunta agora.

EXPERIMENTADOR: Certo.

SUJEITO: Você acha que eu deveria discutir mais com meu pai sobre essa situação, ou não? Eu deveria discutir mais com meu pai sobre esse assunto de sair com a garota gentia?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Bem, eu acho que é razoável, mas eu realmente não sei o que dizer para ele. Quero dizer, ele parece não ser tão compreensível. Em outras palavras, ele parece estar realmente com medo de discutir a situação. Quer dizer, pelo menos é isso que me parece até agora. Mas acho que, se vale a pena para mim, se eu realmente quero continuar a sair com ela, eu tenho de prosseguir e ter essa discussão com meu pai. Eu realmente não sei o que dizer, porque, eu quero dizer, eu estou saindo com ela. Eu não estou apaixonado por ela nem nada, mas eu nunca sei de fato no que isso vai dar. Eu acho que nós deveríamos ter uma discussão com base no que as futuras possibilidades podem ser e o que ele acharia disso. Talvez ele não seja tão contra agora, porque nós estamos somente saindo juntos, mas talvez ele veja complicações futuras, das quais realmente gostaria de se livrar no momento. Estou pronto para minha terceira pergunta agora.

Se, após a conversa com meu pai, ele disser para continuar saindo com ela, mas ao mesmo tempo me der a impressão de que ele realmente não está, não quer que eu saia com ela, mas ele só está fazendo isso porque quer ser um bom pai, nessas circunstâncias eu deveria continuar saindo com a garota?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Bem, de fato eu estou surpreso com a resposta. Eu esperava uma resposta negativa sobre isso. Talvez seja porque você não conheça bem o meu

pai e suas reações, e ele parece ser o tipo de pessoa que é sensível e, portanto, ele é muito cuidadoso na forma como lida com as coisas. Mesmo se ele dissesse para ir em frente e sair com ela, talvez eu me sentiria culpado em saber que ele realmente não queria que eu continuasse saindo com ela. Embora eu não saiba se isso realmente ajudaria na situação de qualquer forma. Então, bem, talvez nós nos aprofundemos nisso e isso é uma outra questão. Estou pronto para minha quarta pergunta agora.

Se, após ter essa discussão com meu pai e receber uma resposta positiva dele, mas ao mesmo tempo sentir que essa não foi sua opinião sincera, você acha que seria adequado que eu pedisse a minha mãe que tivesse uma conversa séria com ele e, então, tentasse obter uma reação mais verdadeira do meu pai sobre essa situação?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Bem, isso me parece justo. Eu acho que talvez ele seria mais sincero com minha mãe sobre a situação. Claro que isso pode representar algum problema. Será que minha mãe voltaria e seria completamente sincera comigo? Ela parece ser mais liberal do que meu pai, sem falar que minha mãe mentiria sobre isso, mas ela seria um pouco mais liberal em relação a coisas assim e, talvez, ao longo de sua conversa com meu pai iria tentar mostrar o meu lado para ele, e, portanto, mais uma vez, tenho duas respostas. Se eu olhar para isso dessa forma eu não acho que vou sair do zero a zero de qualquer jeito, mas pelo menos eu sinto que estamos chegando a algum lugar. Estou pronto para minha quinta pergunta agora.

Você acha que eu deveria dizer a essa garota gentia, com quem estou saindo, o problema que estou tendo com o meu "pessoal" em casa, ou devo esperar até que, bem, essa é outra pergunta. Você acha que eu devo dizer à garota com quem estou saindo os problemas que estou tendo em casa por causa da religião dela?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Bem, mais uma vez estou surpreso. Claro, isso pode depender do quanto você se importa com a garota e por quanto tempo mais eu acho que eu vou sair com ela. Mas eu, pessoalmente, acho que só é certo dizer a ela porque, se ela talvez estiver pensando mais sério do que eu, ela poderia, poderia ser melhor para nós entendermos a situação toda e, se ela achar que isso será um obstáculo, então eu talvez ache que acabaria com a situação logo aí sem dizer a ela. Eu acho que talvez eu vá mostrar isso de maneira diferente e ela vai ignorar o quanto a situação é real e talvez reaja comigo de uma certa maneira, estragando nossos encontros e tudo mais. Estou pronto para minha sexta pergunta.

Se eu me apaixonasse por essa garota e quisesse fazer planos para o casamento, você acha que é justo

que eu deveria pedir a ela para mudar da religião dela para a minha crença?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Bem, não. Bem, isso me travou. Não. Bem, eu sinceramente sinto que fui criado de certo modo e acredito que ela também foi, e sou bastante convicto da minha crença. Não que eu seja totalmente ortodoxo nem nada, mas é claro que sempre existe pressão da família e coisas assim. E estou certo de que ela acha, infelizmente eu nunca vi uma família com uma diferença de religião que realmente tenha sido capaz de transformar isso em sucesso. Então, eu não sei. Eu acho que talvez eu seria tentado a pedir para ela mudar. Eu não acho que eu seria capaz disso realmente. Estou pronto para a número sete.

Você acha que seria uma situação melhor se estivéssemos para casar e nenhum de nós estivesse disposto a falar sobre a diferença de religião ou ir um para cada lado, que nós criássemos nossos filhos em uma religião neutra diferente das duas em que acreditamos?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Bem, talvez essa fosse uma solução. Se pudéssemos encontrar uma religião que incorporasse nossas duas crenças, até certo ponto. Eu me dou conta de que talvez isso possa ser literalmente impossível de fazer. Talvez, em certo sentido, essa religião neutra pode ser algo quase que criado por nós mesmos, porque eu sinceramente acho que a formação religiosa, não importa qual a crença seja, se não for levada a extremos é boa, porque, nesse sentido, todos devem ter uma certa formação religiosa. Talvez isso possa ser uma solução para o problema. Acho que eu deveria acompanhar isso um pouco mais e ver exatamente o que acontece. Estou pronto para a número oito.

Se estivéssemos para casar, seria melhor para nós vivermos em uma nova comunidade, onde nós não estaríamos em contato com nossos pais, se estivéssemos recebendo muita pressão da família sobre as diferenças religiosas?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Bem, eu meio que estou inclinado a concordar com essa resposta. Eu acho que você não iria muito longe, fugindo do problema e que talvez isso fosse uma daquelas coisas na vida que, no final das contas, você simplesmente estaria disposto a aceitar e que as famílias e nós conviveríamos harmoniosamente juntos. Pelo menos eu espero que isso desse certo, se essa situação ocorrer. Eu acho que seria melhor para ambas as famílias juntas que nós não vamos chegar a lugar algum, se fugirmos do nosso problema. Então o melhor é permanecermos nisso e tentar resolver isso. Estou pronto para a número nove.

Se nos casássemos e começássemos a criar nossos filhos, você acha que deveríamos explicar e dizer aos nossos filhos que já tivemos essa diferença religiosa

ou será que apenas os criaríamos nessa nova religião, que seria a religião deles, sobre a qual conversávamos, e os deixaríamos acreditar que isso é aquilo em que inicialmente acreditávamos?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Mais uma vez eu meio que concordo com isso. Acho que devemos contar a eles, porque, sem dúvida, eles vão descobrir. E se eles descobrirem que havia essa diferença que nós já tivemos, eles achariam que estávamos os enganando ou tentando esconder alguma coisa deles e tampouco isso não seria a melhor situação. Então eu acredito que essa seria a melhor situação. Estou pronto para a número dez.

Você acha que os nossos filhos, se tivéssemos algum, teriam algum problema religioso, por causa de nós, os pais, e as nossas dificuldades?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Bem, eu realmente não sei se eu concordo com isso ou não. Talvez eles tivessem problemas, se a confusão começasse e eles pensassem que eles não sabiam qual é o certo e qual é o errado, ou de que lado ficar, se não quisessem ficar com a religião deles. Mas eu meio que sinto que, se a religião deles fosse uma religião sadia, que provesse as necessidades de uma religião e o que uma religião provê, não haveria qualquer problema com eles. Mas suponho que só o tempo dirá se tais problemas surgiriam. Eu terminei com os meus comentários agora.

EXPERIMENTADOR: Certo, já vou.

O experimentador apareceu na sala do sujeito, entregou-lhe uma lista dos pontos que ele poderia comentar, e saiu da sala. O sujeito comentou da seguinte forma.

SUJEITO: Bem, a conversa parecia ser unilateral, porque eu estava fazendo tudo. Mas, eu acho que foi extremamente difícil para o Sr. McHugh responder a estas perguntas totalmente sem ter um entendimento completo das personalidades das diferentes pessoas envolvidas e exatamente o quanto complexa era a situação. As respostas que recebi, devo dizer que a maioria delas foram respondidas, talvez, da mesma forma que eu as responderia para mim, mesmo sabendo das diferenças entre os tipos de pessoas. Uma ou duas delas vieram como uma surpresa para mim e eu achei que o motivo talvez de ele ter respondido a estas perguntas da maneira como ele fez é pelo motivo de que ele não tem conhecimento das personalidades envolvidas e de como elas estão reagindo ou reagiriam a uma determinada situação. As respostas que recebi, a maioria delas eu achei que ele estava na sua maior parte consciente da situação conforme avançávamos, pois eu interpretava suas respostas, apesar de serem respostas de sim ou não, como respostas completamente refletidas sobre estas situações que eu apresentei para ele e que tinham muito significado para mim. Eu achei que as suas respostas como um todo foram úteis e que ele estava buscando

o benefício para a situação na maior parte, e não para cortá-la ou abreviá-la, de modo algum. Eu ouvi o que eu queria ouvir, na maioria das situações apresentadas no momento. Talvez eu não tenha ouvido o que eu realmente queria ouvir, mas talvez a partir de um ponto de vista objetivo foram as melhores respostas, porque alguém envolvido em uma situação está cego até certo ponto e não pode adotar essa perspectiva objetiva. E, portanto, essas respostas podem ser diferentes para a pessoa que está envolvida na situação e para a pessoa que está de fora e pode ter uma perspectiva objetiva. Eu sinceramente acredito que as respostas que ele me deu, que ele estava completamente ciente da situação em questão. Eu acho talvez que isso deve ser qualificado. Talvez quando eu disse que eu deveria falar com meu pai, por exemplo, ele não foi favorável. Quando eu disse que eu deveria falar com meu pai, por exemplo, ele não foi a favor do que eu ia falar com meu pai. Com todo direito. Ele sabia o tema geral, mas ele não sabe o quão perto estou de meu pai, ou o quão complexa a conversa pode ficar. E, se, ao ele dizer “converse”, sabendo que meu pai não vai ouvir, bem, também isso talvez não seja o melhor, ou, se meu pai está muito disposto a ouvir, ele diz que isso pode não ajudar. Ou não converse. Bem, mais uma vez isso tem a ver com pessoas que ele não conhece. Creio que a conversa e as respostas dadas tiveram muito significado para mim. Quero dizer que foi talvez o que eu esperaria de alguém que compreendesse perfeitamente a situação. E eu acho que isso teve muito sentido para mim e fez muito sentido. Bem, eu achei que as perguntas que eu fiz foram muito pertinentes e que ajudam a compreender a situação de ambos os lados, ou seja, eu mesmo e o respondedor e minha reação às respostas, como já afirmei antes, estávamos na maior parte de acordo. Às vezes eu fiquei surpreso, mas entendi que é porque ele não está plenamente consciente da situação e das pessoas envolvidas.

## CASO 2

SUJEITO: Gostaria de saber se devo ou não mudar a minha habilitação principal na graduação, no momento presente. Minha graduação principal é em física, mas estou com um déficit e tanto nos meus pontos de qualificação para alcançar a média C em física. Gostaria de mudar para matemática. Tenho um pouco de dificuldade nela, mas acho que talvez eu poderia lidar com isso. Não fui aprovado em vários cursos de matemática aqui na U.C.L.A.<sup>6</sup>, mas eu sempre repetia e tirava nota C. Cheguei perto de conseguir um B em matemática em um curso específico, porque eu estudei um pouco mais do que nos outros, mas a minha pergunta é: ainda devo mudar a minha graduação principal?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Bem, ele diz que não. E se eu não mudar, então vou ter que melhorar meu déficit nos pontos de qualificação, o que será terrivelmente difícil, porque não estou indo muito bem esse semestre. Se eu me recuperar nesse semestre com sete unidades de A, então, posso confiar na possibilidade de continuar para obter meu diploma em física, em fevereiro, mas então eu tenho esse estigma da física nuclear diante de mim. Eu não gosto de jeito nenhum do estudo da física nuclear. Física Nuclear 124 será um dos meus cursos necessários para obter um diploma em física.

Você acha que eu poderia obter um diploma em física, sabendo que eu tenho que cursar Física 124?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Ele diz que sim. Eu não vejo como eu poderia. Eu não sou tão bom em teoria. Meus hábitos de estudo são horríveis. Minha velocidade de leitura é ruim, e eu não fico tempo suficiente estudando.

Você acha que eu poderia melhorar os hábitos de estudo de maneira bem sucedida?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Ele diz que eu posso melhorar os meus hábitos de estudo de maneira bem sucedida. Eu tenho recebido lições o tempo todo de como estudar corretamente, mas eu não estudo corretamente. Eu não tenho incentivo suficiente para continuar com a física, tenho?

Você acha que eu tenho incentivo suficiente para obter um diploma em física?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Ele disse “minha resposta é sim”. É possível que eu também pense assim, se eu não tivesse um histórico escolar ruim a me perseguir. Seria muito difícil conseguir esse diploma.

Você acha que eu poderia fazer o meu estudo com sucesso e tentar ao mesmo tempo manter boas relações em casa com minha esposa e ainda fazer o meu trabalho? Eu não estudo bem na faculdade e eu não tenho muito incentivo para estudar, quando estou em casa. Mas quando minha mulher chega em casa, eu gosto de estudar. No entanto, isso nos impede de fazer as coisas, e sempre que ela não faz o que tem de ser feito, isso me dá nos nervos, porque há todo esse trabalho se acumulando. Você acha que eu poderia estudar em casa de maneira bem sucedida?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Ele diz que não. Eu também acho que não.

Eu deveria ir à faculdade todas as noites depois do jantar e estudar?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Ele diz que eu não deveria ir à faculdade e estudar. Onde eu deveria ir? Eu deveria ir à biblioteca do campus para estudar?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Ele diz que eu deveria ir à biblioteca do campus para estudar. Qual biblioteca? Eles podem

não ter todas as referências que eu posso precisar lá, mas que nem sempre são necessárias. Eu preciso de pelo menos mais três perguntas. Você acha que eu posso desenvolver incentivo e hábitos de estudo suficientemente bons para realmente conseguir desenvolver esses hábitos de tal forma que eu não teria que ficar acordado até tarde da noite e não terminar o trabalho em primeiro lugar?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Ele diz que não. Eu não posso desenvolver os hábitos de estudo adequadamente para poder me recuperar. Se você não acha que eu possa desenvolver os hábitos de estudo adequados e continuar com eles até atingir minha meta, com base nisso você ainda acredita que eu possa obter um diploma em física?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: De acordo com isso eu não vou conseguir um diploma. O que eu deveria fazer? Você ainda está aí?

EXPERIMENTADOR: Sim, estou.

SUJEITO: Se você acha que eu não vou fazer... alcançar a meta necessária para melhorar os meus hábitos de estudo e obter um diploma em física, você recomenda que eu abandone a faculdade?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Ele diz que eu deveria abandonar a faculdade. Você ainda está aí?

EXPERIMENTADOR: Sim.

SUJEITO: Tenho mais uma pergunta. Gostaria de ser oficial da Força Aérea. Eu completei o programa de treinamento dos oficiais da reserva da Força Aérea\*, mas para ser um oficial eu preciso de um diploma. Se eu não conseguir um diploma, há chances muito fortes de que não poderei ser oficial, embora existam prós e contras de que ainda há possibilidade de que eu ainda possa ser oficial sem diploma universitário, embora isso não seja desejável. A questão é, será que vou ser oficial da Força Aérea?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é sim.

SUJEITO: Ele diz que eu vou conseguir entrar para a Força Aérea, e é isso que eu estou esperando, mas será que eu vou conseguir me formar? Se eu conseguir ser oficial sem um diploma universitário, será que algum dia eu vou me formar em alguma coisa?

EXPERIMENTADOR: Minha resposta é não.

SUJEITO: Isso me deixa um pouco infeliz, embora eu realmente não precise de um diploma universitário no tipo de trabalho que eu desejo fazer. Você está aí? Volte.

O sujeito comentou da seguinte forma.

Bem, pelo que pude entender da conversa, é um pouco tolo para mim levar meus estudos mais adiante até conseguir um diploma em alguma coisa. Na verdade, eu senti durante todo o tempo que o tipo de diploma em que eu estou interessado, que é o de inventar, não é algo que exige um diploma universi-

tário necessariamente. Exige certo conhecimento de matemática e física, mas não exige um diploma universitário para inventar. Com base na conversa, percebi que eu deveria apenas abandonar a faculdade e ir em frente e buscar o meu posto na força aérea, mas eu não sei como. Mas seria terrivelmente bom ter um diploma. Esse diploma me permitiria entrar em outras faculdades. Caso contrário, terei uma declaração de que entrei na faculdade, mas nunca terminei. Também tenho a impressão de que meus hábitos de estudo nunca irão melhorar tanto quanto eu gostaria que eles melhorassem, de qualquer maneira. Eu não vou me formar. Vou conseguir um emprego e é inútil para mim estudar em casa ou na faculdade. Especialmente à noite. Eu me pergunto se eu deveria estudar alguma coisa, ou se eu deveria aprender a estudar tudo na faculdade. O que fazer? Tenho a sensação de que meus pais ficariam muito tristes e também os pais da minha esposa ficariam muito tristes, se eu nunca conseguisse um diploma ou, pelo menos, especialmente agora. Tenho a sensação de que essa conversa anterior é baseada no que se deveria ter aprendido a fazer anos atrás, isto é, quando criança. Fazer perguntas a si mesmo e dar a si mesmo uma resposta de algum tipo, sim ou não, e elaborar razões por que sim ou não se sustentam ou podem se sustentar e pensar sobre a validade ou a antecipação da validade disso respondem o que se deve fazer para cumprir sua meta ou simplesmente existir. Eu pessoalmente acho que posso me dar melhor em matemática do que em física. Mas eu não saberei até o fim do verão.

## ACHADOS

Um exame dos protocolos revela o seguinte:

### A. Entendendo a troca.

Nenhum dos sujeitos teve dificuldade de realizar a série de dez perguntas e de resumir e avaliar o conselho.

### B. Respostas eram vistas como “respostas-para-perguntas”.

1. Tipicamente os sujeitos ouviam as respostas do experimentador como respostas-para-perguntas. Perceptivamente, as respostas do experimentador foram motivadas pelas perguntas.

2. Os sujeitos diretamente viam “o que o conselheiro tinha em mente”. Eles ouviam “de imediato” o que ele estava falando, ou seja, o que ele queria dizer, e não o que ele tinha expressado.

3. O sujeito típico assumiu, ao longo do curso da troca, e durante a entrevista após o experimento, que as respostas foram um conselho para o problema, e que esse conselho como uma solução para o problema devia ser encontrado através das respostas.

4. Todos relataram o “conselho que lhes tinha sido

dado” e dirigiram sua avaliação e crítica a esse “conselho”.

*C. Não houve perguntas pré-programadas; a pergunta seguinte era motivada pelas possibilidades retrospectivas-prospectivas da situação presente que foram alteradas por cada troca real.*

1. Nenhum sujeito administrou um conjunto de perguntas pré-programadas.

2. Respostas presentes alteravam o sentido das trocas anteriores.

3. Ao longo do curso da conversa, pareceu funcionar o pressuposto de que havia uma resposta a ser obtida, e de que, se a resposta não era óbvia, que o seu significado poderia ser determinado pela busca ativa, uma parte da qual envolvia fazer outra pergunta, de modo a descobrir o que o conselheiro “tinha em mente”.

4. Muito esforço foi dedicado à procura de significados que eram esperados, mas não estavam evidentes na resposta imediata à pergunta.

5. A resposta-para-a-pergunta presente motivou o conjunto subsequente de possibilidades, dentre as quais a pergunta seguinte foi selecionada. A próxima pergunta surgia como um produto de reflexões sobre o curso anterior da conversa, e o problema subjacente pressuposto, como o tópico cujas características cada conversa real documentava e ampliava. O “problema” subjacente foi elaborado em suas características em função da troca. O sentido do problema foi progressivamente acomodado a cada resposta presente, enquanto a resposta motivava aspectos recentes do problema subjacente.

6. O padrão subjacente foi elaborado e composto por uma série de trocas e foi acomodado a cada “resposta” presente de forma a manter “o curso do conselho”, para elaborar o que “realmente foi aconselhado” anteriormente, e motivar as novas possibilidades como características emergentes do problema.

*D. Respostas em busca de perguntas.*

1. Ao longo do curso da conversa, os sujeitos por vezes começavam com a réplica tratada como uma resposta e alteravam o sentido anterior da sua pergunta, para acomodar esta à réplica como a resposta para a pergunta retrospectivamente revisada.

2. A mesma elocução idêntica foi capaz de responder a várias perguntas diferentes simultaneamente, e de constituir uma resposta a uma pergunta composta, que, em termos da lógica exata de proposições, não permite, nem um sim ou não, ou um simples sim ou não.

3. A mesma elocução foi usada para responder a várias perguntas diferentes, separadas no tempo. Os sujeitos se referiam a isso como “lançar nova luz” sobre o passado.

4. Respostas presentes proviam respostas às per-

guntas adicionais, que nunca eram feitas.

*E. Lidando com respostas incompletas, inadequadas e contraditórias.*

1. Quando as respostas eram insatisfatórias ou incompletas, os perguntadores estavam dispostos a esperar por respostas posteriores, para decidirem o sentido das anteriores.

2. Respostas incompletas foram tratadas pelos sujeitos como incompletas devido às “deficiências” desse método de dar conselhos.

3. Respostas que foram inadequadas foram inadequadas por “uma razão”. Se a razão fosse encontrada, o sentido da resposta era conseqüentemente decidido. Se uma resposta tivesse “bom senso”, isso era provavelmente o que o respondedor tinha “aconselhado”.

4. Quando as respostas eram incongruentes ou contraditórias, os sujeitos foram capazes de continuar, considerando que o “conselheiro” tinha ficado mais ciente nesse meio tempo, ou que ele tinha decidido mudar de idéia, ou que talvez ele não estava suficientemente familiarizado com as complicações do problema, ou a falha foi na pergunta, de forma que outra expressão era necessária.

5. Respostas incongruentes foram resolvidas pela imputação de conhecimento e intenção ao conselheiro.

6. As Contradições exigiam que o sujeito elege-se a pergunta verdadeira que a resposta respondia, o que ele fazia dando à pergunta sentidos adicionais, que se encaixavam com os significados “por de trás” do que o conselheiro aconselhava.

7. No caso de respostas contraditórias, muito esforço foi dedicado a rever a possível intenção da resposta, de forma a livrar a resposta de contradição ou falta de sentido, e livrar o respondedor da não confiabilidade.

8. Mais sujeitos consideravam a possibilidade de um truque do que testavam essa possibilidade. Todos os sujeitos que suspeitavam foram relutantes em agir sob a crença de que havia um truque envolvido. As suspeitas se acalmavam, se as respostas do conselheiro tivessem “bom senso”. Era mais improvável que as suspeitas continuassem, se as respostas estivessem de acordo com o pensamento anterior do sujeito sobre o assunto e com suas decisões preferidas.

9. As suspeitas transformaram a resposta em um evento de “mero discurso”, tendo a aparência de ocorrência coincidente com a ocasião de uma pergunta do perguntador. Sujeitos consideraram essa estrutura difícil de se manter e de se gerenciar. Muitos sujeitos viram o sentido da resposta “de qualquer maneira”.

10. Aqueles que desconfiavam, simultaneamente, embora temporariamente, perderam a vontade de continuar.

*F. A “busca” e a percepção do padrão*

1. Houve em todo o experimento uma preocupação e busca de padrões. O padrão, no entanto, foi percebido desde o início. O padrão era susceptível de ser visto na primeira evidência do “conselho”.

2. Os sujeitos achavam muito difícil de capturar as implicações de aleatoriedade nas elocuições. Uma elocução predeterminada foi tratada como manipulação das respostas, ao invés de uma elocução que foi decidida de antemão e que ocorreu independentemente das perguntas e interesses do sujeito.

3. Quando a possibilidade de farsa ocorria aos sujeitos, a elocução do conselheiro documentou o padrão da farsa, ao invés do padrão de conselho. Assim, a relação do enunciado com o padrão subjacente como seu documento permaneceu inalterada.

*G. Às respostas foi atribuída uma fonte cênica.*

1. Sujeitos atribuíam ao conselheiro, como seu conselho, o pensamento formulado nas suas perguntas. Por exemplo, quando um sujeito perguntou “Eu deveria ir à faculdade todas as noites depois do jantar para estudar?” e o experimentador disse “Minha resposta é não”, o sujeito em seus comentários disse “Ele disse que eu não deveria vir para a faculdade estudar.” Isso foi muito comum.

2. Todos os indivíduos foram surpreendidos, quando descobriram que eles contribuíram ativamente e com bastante peso para os “conselhos que recebiam do conselheiro”.

3. Ao serem informados da farsa, os sujeitos ficavam intensamente magoados. Na maioria dos casos, eles revisaram suas opiniões sobre o procedimento para enfatizar a inadequação aos propósitos do experimentador (que eles entendiam ainda ser uma exploração dos meios de dar conselhos).

*H. A vagueza de cada situação presente de novas possibilidades permaneceu invariável para os esclarecimentos fornecidos pela troca de perguntas e respostas.*

1. Houve vagueza (a) no status da elocução como uma resposta, (b) em seu status de uma resposta-à-pergunta, (c) em seu status como um documento de conselho em relação ao padrão subjacente, e (d) no problema subjacente. Quando, após o curso de uma troca, as elocuições forneciam “conselhos sobre o problema”, a sua função de conselho também elaborava todo o esquema de possibilidades problemáticas, de modo que o efeito global foi o de uma transformação da situação do sujeito, em que a indefinição de seus horizontes manteve-se inalterada e os “problemas ainda permaneciam sem resposta”.

*I. Na sua condição de membros, os sujeitos consul-*

*tavam características institucionalizadas da coletividade como um esquema de interpretação.*

1. Os sujeitos faziam referência específica a diversas estruturas sociais para decidir o caráter sensato e garantido do conselho do conselheiro. Tais referências, entretanto, não foram feitas para toda e qualquer estrutura social. Aos olhos do sujeito, se o conselheiro conhecesse e demonstrasse ao sujeito que ele sabia o que estava falando, e se o sujeito considerasse seriamente as descrições do conselheiro de sua situação como fundamentos de novos pensamentos do sujeito e de administração dessas circunstâncias, o sujeito não permitia ao conselheiro, e nem o sujeito estava disposto a considerar *qualquer* modelo das estruturas sociais. As referências que o sujeito fornecia eram das estruturas sociais, que ele tratava como real ou potencialmente conhecidas em comum com o conselheiro. E então, não de *quaisquer* estruturas sociais conhecidas em comum, mas das *estruturas sociais normativamente valorizadas*, que o sujeito aceitava como *condições* que as suas decisões tinham de satisfazer, em relação a sua própria apreensão sensata e realista das suas circunstâncias e da “boa” intenção do conselho do conselheiro. Estas estruturas sociais consistiam em características normativas do sistema social, *vistas de dentro*, que, para o sujeito, foram definidoras de seu pertencimento como membro às várias coletividades que foram referidas.

2. Os sujeitos deram pouca indicação, antes das ocasiões de uso das regras para decidir fato e não-fato, das estruturas normativas definidoras, às quais suas interpretações faziam referência. As regras para documentar essas ordens normativas definidoras pareciam entrar em jogo apenas depois que um conjunto de características normativas tinha sido motivado como relevante para as suas tarefas de interpretação e, então, como função do fato de que as atividades de interpretação estavam em andamento.

3. Sujeitos pressupunham características conhecidas-em-comum da coletividade como um corpo de conhecimento de senso comum compartilhado por ambos. Eles se basearam nesses padrões pressupostos, atribuindo ao que ouviram o conselheiro falando o seu status de evidência documentária das características normativas definitivas dos cenários da coletividade do experimento, família, escola, casa, profissão, para quais os interesses do sujeito foram dirigidos. Essas evidências e as características da coletividade foram referidas num vai-e-vem, uma em relação à outra, cada uma elaborando e sendo, assim, elaborada em suas possibilidades.

*J. Decidir a garantia era idêntico a atribuir ao conselheiro seu sentido perceptivelmente normal.*

Através de uma revisão retrospectiva-prospectiva, os sujeitos justificaram o senso “razoável” e o status

sancionável do conselho como fundamento para gerir os seus problemas. Seu caráter “razoável” consistia na sua compatibilidade com as ordens normativas da estrutura social, assumidas como sendo compartilhadas e conhecidas entre sujeito e conselheiro. A tarefa do sujeito de decidir o caráter de autoridade do que estava sendo aconselhado era idêntica à tarefa de atribuir ao que o conselheiro propunha (1) seu status como um exemplo de uma classe de eventos; (2) sua probabilidade de ocorrência; (3) sua possibilidade de comparação com eventos passados e futuros; (4) as condições da sua ocorrência; (5) seu lugar em um conjunto de relações meios-fins, e (6) sua necessidade de acordo com uma ordem natural (ou seja, moral). Os sujeitos atribuíam esses valores de tipicidade, probabilidade, comparabilidade, textura causal, eficácia técnica e exigência moral, quando usavam os recursos institucionalizados da coletividade como um esquema de interpretação. Assim, a tarefa do sujeito de decidir, se o que o conselheiro aconselhou foi “verdadeiro” ou não, era idêntica à tarefa de atribuir ao que o conselheiro propôs seus valores perceptivelmente normais.

*K. Valores perceptivelmente normais não eram tão “atribuídos” quanto gerenciados.*

Através do trabalho de documentação – isto é, pesquisando e determinando padrões, ao tratar as respostas do conselheiro como motivadas pelo sentido pretendido da pergunta, ao esperar respostas mais recentes para esclarecer o sentido das anteriores, encontrando respostas para perguntas não-perguntadas – os valores perceptivelmente normais do que estava sendo aconselhado foram estabelecidos, testados, revisados, mantidos, rearmazenados; em uma palavra, gerenciados. É enganoso, portanto, pensar o método documentário como um procedimento, pelo qual as proposições passam a integrar consensualmente um corpus científico<sup>7</sup>. Ao invés disso, o método documentário desenvolveu o conselho de modo a estar “tornando-o membro” continuamente.

### Exemplos na investigação sociológica

Exemplos do uso do método documentário podem ser citados em cada área de investigação sociológica<sup>8</sup>. Sua aplicação óbvia ocorre em estudos de comunidades, nas quais a garantia é atribuída a proposições pelo critério de “descrição compreensiva” e “aura da verdade.” Seu uso é encontrado também em muitas ocasiões de pesquisa de levantamento, quando o pesquisador, ao rever suas notas de entrevista ou ao editar as respostas de um questionário, tem de decidir “o que o entrevistado tinha em mente”. Quando um pesquisador é remetido ao “caráter motivado” de uma ação, ou a uma teoria, ou à concordância de uma pessoa com uma ordem legítima e coisas semelhan-

tes, e ele vai usar o que realmente tem observado para “documentar” uma “estrutura subjacente”. O método documentário é utilizado para epitomar o objeto. Por exemplo, assim como o leigo pode dizer de algo que “Harry” diz “não é a cara do Harry?”, o investigador pode usar alguma característica observada da coisa a que ele está se referindo como um indicador de caracterização do assunto pretendido. Cenas complexas como estabelecimentos industriais, comunidades, ou movimentos sociais, são freqüentemente descritos com o auxílio de “excertos” de protocolos e tabelas numéricas, que são utilizados para epitomizar os acontecimentos pretendidos. O método documentário é utilizado sempre que o investigador constrói uma história de vida ou uma “história natural”. A tarefa de historicizar a biografia da pessoa consiste em utilizar o método documentário para selecionar e ordenar as ocorrências anteriores de modo a fornecer ao estado de coisas atual seu passado e projeções relevantes.

A utilização do método documentário não se limita aos casos de procedimentos “leves” e “descrições parciais”. Ela ocorre também em casos de procedimentos rigorosos, em que se pretende que as descrições esgotem um campo definido de coisas possíveis de serem observadas. Ao ler um relato de periódico científico para fins de replicação literal, pesquisadores que tentem reconstruir a relação entre os procedimentos relatados e os resultados freqüentemente encontram uma lacuna de informações insuficientes. A lacuna ocorre quando o leitor pergunta como o investigador decidiu a correspondência entre o que foi realmente observado e o evento pretendido, para o qual a observação real é considerada como sua evidência. O problema do leitor consiste em ter de decidir que a observação relatada é um exemplo literal da ocorrência pretendida, ou seja, que a observação real e a ocorrência pretendida são idênticas *em sentido*. Uma vez que o relacionamento entre os dois é uma relação de signos, o leitor deve consultar um conjunto de regras gramaticais para decidir esta correspondência. Essa gramática consiste em alguma teoria dos eventos pretendidos, com base na qual as decisões de codificar as observações reais como achados são recomendadas. É neste ponto que o leitor deve se engajar no trabalho interpretativo e presumir temas “subjacentes apenas conhecidos em comum” sobre a sociedade, nos termos dos quais aquilo que o entrevistado disse é tratado como sinônimo daquilo que o observador entendia. A correspondência correta é susceptível de ser entendida e lida com base em fundamentos razoáveis. A correspondência correta é o produto do trabalho do investigador e do leitor, como membros de uma comunidade de pessoas que compartilham as mesmas crenças. Assim, mesmo no caso de métodos rigorosos, o trabalho do método

documentário é empregado, se a função de um pesquisador é recomendar, e se a do leitor é apreciar, os achados publicados como parte do *corpus* de fatos sociológicos.

### Situações de investigação sociológica como situações de escolha de senso comum

Não é incomum para os sociólogos profissionais falar do seu procedimento de “produção de fatos” como processos de “ver através” das aparências uma realidade subjacente; de limpar as aparências reais do passado para “apreender o invariável”. No que diz respeito aos nossos assuntos, os seus processos não são devidamente imaginados como “vendo através”, mas consistem, ao invés disso, em aprender a lidar com uma situação, na qual o conhecimento factual das estruturas sociais - factual no sentido de fundamentos garantidos de inferências e ações posteriores- deve ser montado e disponibilizado para uso potencial, apesar do fato de que as situações que se pretende descrever são, em qualquer sentido calculável, desconhecidas; em suas estruturas lógicas reais e pretendidas são essencialmente vagas; e são modificadas, elaboradas, estendidas, se não forem de fato criadas, pelo fato e o modo de serem tratadas.

Se muitas das características do trabalho documentário de nossos sujeitos são reconhecíveis no trabalho de produção do fato sociológico profissional, de forma semelhante muitas situações de investigação sociológica profissional têm precisamente as características que as situações de nossos sujeitos tinham. Tais características de situações de investigação sociológica profissional podem ser mais precisamente especificadas a seguir.

1. No curso de uma entrevista, é provável que um investigador se encontre lidando com uma série de situações presentes, cujos *estados futuros gerados por uma análise completa* são caracteristicamente vagos ou mesmo desconhecidos. Com freqüência esmagadora, essas situações, enquanto estados futuros possíveis de aqui-e-agora, são apenas vagamente especificáveis, antes de se realizar a ação que tem por objetivo realizá-la. Há uma distinção necessária entre um “estado futuro possível de coisas” e um “como-fazer-acontecer-o-futuro-a-partir-de-um-estado-presente-de-coisas-como-um-ponto-real-de-partida”. O “possível estado de coisas futuro” pode ser muito claro, de fato. Mas esse futuro não é a questão de interesse. Ao invés disso, estamos interessados em “como fazê-los acontecer a partir de um futuro aqui-e-agora”. É este estado — por conveniência, vamos chamar de “futuro operacional” — que é caracteris-

ticamente vago ou desconhecido.

Uma ilustração: um pesquisador treinado pode descrever com clareza e definição extraordinárias a que perguntas ele deseja respostas em um questionário. Como respostas reais de sujeitos reais que serão avaliadas como “respostas às perguntas” estão integradas num conjunto de decisões de natureza processual, conhecido como “regras de codificação”. Qualquer distribuição de respostas para as perguntas que é possível segundo as regras de codificação é um “possível estado de coisas futuro”. Após os trabalhos exploratórios adequados tais distribuições são clara e definitivamente imagináveis para pesquisadores de campo experientes. Mas, com freqüência esmagadora, ocorre que, mesmo no final do curso *real* da investigação, as perguntas e respostas que *em prática* terão sido perguntadas e respondidas sob as várias formas de avaliar as respostas do sujeito real como “respostas para a pergunta,” dadas as exigências práticas que devem ser acomodadas na realização do trabalho real da investigação, permanecem como esboços e abertas à “decisão razoável”, até mesmo ao ponto de compor os resultados da investigação para publicação.

2. Dado um futuro, qualquer futuro, que é conhecido de uma forma definitiva, os caminhos alternativos para atualizar o estado futuro, como um conjunto de operações passo-a-passo sobre algum estado presente a se iniciar são caracteristicamente esboçadas, incoerentes e pouco elaboradas. Novamente, é necessário sublinhar a diferença entre um inventário de procedimentos disponíveis – investigadores podem falar sobre eles de modo bem claro e definitivo – e os procedimentos passo-a-passo deliberadamente programados, um conjunto de estratégias predeterminadas de “o-que-fazer-em-caso-de” para a manipulação de uma sucessão de estados presentes reais de coisas *em seu curso*. Nas práticas reais tal programa é caracteristicamente não elaborado.

Por exemplo, uma das tarefas envolvidas no “gerenciamento de relações” consiste em gerenciar o curso passo-a-passo da conversa, de modo a permitir o investigador executar suas perguntas em seqüência produtiva, mantendo ao mesmo tempo algum controle sobre os rumos desconhecidos e indesejáveis no qual os afazeres, em função do curso da troca real, podem realmente mudar<sup>9</sup>. Caracteristicamente, o pesquisador substitui uma solução passo-a-passo pré-programada, por um conjunto de táticas *ad hoc* para ajustar a oportunidade presente, sendo essas táticas só geralmente regidas pelo que o investigador teria expectativas de ter finalmente encontrado até o final da conversa. Nessas circunstâncias, é mais exato falar em investigadores agindo na realização de suas expectativas, ou para evitar seus medos, do que

agindo na realização deliberada e calculada de um plano.

3. Frequentemente ocorre que o investigador toma uma atitude e apenas mediante a ocorrência real de algum produto dessa atitude é que vamos encontrá-lo revendo as sequências realizadas em uma busca retrospectiva aí de seu caráter de decisão a esse respeito. Na medida em que a *decisão que foi tomada* é orientada pelo trabalho da pesquisa retrospectiva, pode-se dizer que os resultados de tais situações ocorrem *antes* da decisão. Essas situações ocorrem com frequência dramática no momento em que um artigo de periódico está sendo escrito.

4. Antes de realmente ter de escolher entre cursos alternativos de ação com base em consequências antecipadas, o investigador, por várias razões, é frequentemente incapaz de antecipar as consequências de seus cursos alternativos de ação e pode ter que se apoiar em seu envolvimento real a fim de descobrir o que eles poderiam ser.

5. Frequentemente, após encontrar algum estado real de coisas, o investigador pode considerá-lo como desejável, e então tratá-lo como a meta para a qual suas ações anteriormente tomadas, enquanto ele as interpreta de forma retrospectiva, foram dirigidas “o tempo todo” ou “depois de tudo.”

6. Ocorre frequentemente que somente no curso da manipulação real de uma situação presente, e como uma função dessa manipulação, é que a natureza do estado futuro de coisas de um investigador torna-se esclarecida. Assim, o objetivo da investigação pode ser progressivamente definido como a consequência do investigador de agir realmente em direção a uma meta, cujas características, até o estado presente da sua ação investigativa, ele não vê claramente.

7. Caracteristicamente tais situações são as de “informação imperfeita”. O resultado é que o investigador é incapaz de estimar, muito menos de calcular, a diferença que sua ignorância da situação gera sob a realização de suas atividades. Tampouco, antes de agir, é ele capaz, seja de avaliar as suas consequências, ou de estimar o valor dos cursos alternativos de ação.

8. As informações que ele possui, que lhe servem de base para a eleição de estratégias, raramente são codificadas. Assim, suas estimativas das chances de sucesso ou fracasso, caracteristicamente, têm pouco em comum com o conceito matemático racional de probabilidade.

Em suas atividades investigativas, investigadores,

caracteristicamente, têm de gerir situações com as características acima, dadas as seguintes condições adicionais: a de que algumas ações devem ser tomadas; a de que a ação deve ser tomada num tempo e com certo ritmo, duração e gradação que esteja coordenada com as ações dos outros; a de que os riscos de resultados desfavoráveis devem ser geridos de alguma forma; a de que as ações tomadas e seus produtos estarão sujeitos à revisão pelos outros e devem ser justificadas a eles; a de que as escolhas de cursos de ação e o efeito resultante devem ser justificados no âmbito dos procedimentos de revisão “razoáveis”; e a de que todo o processo deve ocorrer dentro das condições de, e com sua aquiescência motivada à atividade social corporativamente organizada. Em seu “jargão profissional”, investigadores referem-se a estas características das suas situações reais de investigação e à necessidade de gerenciá-las como suas “circunstâncias práticas”.

Pelo fato de as suas características serem tão facilmente reconhecidas nas atividades da vida cotidiana, situações com tais características podem ser adequadamente chamadas de “situações de escolha de senso comum”. A sugestão recomendada é que, quando os pesquisadores apelam para a “razoabilidade” na atribuição do status de “achados” aos resultados de suas pesquisas, eles estão promovendo a utilização de recursos como estes como um contexto de interpretação para decidir sensibilidade e garantia. Achados como resultados de trabalhos documentários, decididos em circunstâncias de situações de senso comum de escolha, definem o termo “achados razoáveis”.

## O problema

Grande parte do “núcleo duro da sociologia” consiste em “achados razoáveis.” Muitas, se não a maioria, das situações de investigação sociológica são as situações de escolha de senso comum. No entanto, discussões de métodos sociológicos em livros e periódicos raramente dão reconhecimento ao fato de que as investigações sociológicas são realizadas sob a égide do senso comum *nos pontos em que as decisões sobre a correspondência entre as aparências observadas e eventos pretendidos estão sendo feitas*. Ao invés disso, descrições e concepções disponíveis de tomada de decisão e resolução de problemas investigativos atribuem à situação daquele que toma decisões características contrastantes como a seguir<sup>10</sup>.

1. A partir do ponto de vista daquele que toma decisões, existe como uma característica de cada um dos seus estados de coisas de aqui-e-agora uma meta reconhecível com características especificáveis. No que diz respeito à investigação sociológica, essa meta consiste no problema presente do investigador, para

cujas soluções a investigação terá sido realizada. As características especificáveis da meta consistem nos critérios, segundo os quais, como de todo o estado atual de coisas, ele decide a adequação com que o problema foi formulado. Em suas próprias palavras, também, o evento, a “solução adequada”, é definido como um conjunto de possíveis ocorrências.

2. Aquele que toma decisão é concebido como alguém que estabelece para si mesmo a tarefa de elaborar um programa de manipulações sobre cada sucessivo estado atual de coisas, que alterará cada estado presente de modo que, durante sua sucessão, as coisas são postas em conformidade com um estado antecipado, ou seja, a meta, o problema resolvido<sup>11</sup>.

Essas características podem ser reformuladas em termos de regras de evidência. Como um estado de coisas calculável, o problema de um investigador pode ser visto como uma proposição, cuja “candidatura” para filiação, ou seja, cujo status de garantia, está sob revisão. Regras de procedimento, segundo as quais seu status de garantia é decidido, definem operacionalmente o que se entende por “solução adequada”. Em atividades científicas ideais, um investigador é obrigado a decidir os passos que definem uma solução adequada, antes da sua adoção dos passos decididos. Ele é solicitado a tomar essa decisão antes que realize as operações pelas quais as possibilidades que a proposição propõe sejam decididas quanto ao fato de realmente terem ocorrido ou não. A tarefa de decidir uma solução adequada, assim, tem precedência lógica sobre a observação real. Diz-se que a observação é, dessa forma, “programada”, ou, alternativamente, ao evento pretendido é dada uma “definição operacional”, ou, alternativamente, as condições para a ocorrência de um evento pretendido são fornecidas, ou, alternativamente, uma “previsão” é feita.

Um argumento proeminente em nome dessa ênfase é que o método documentário é um procedimento cientificamente errôneo; que a sua utilização distorce o mundo objetivo em um espelho de preconceitos subjetivos; e que, onde as situações de senso comum de escolha existem, elas se comportam como estorvos históricos. Defensores de métodos como os usados em pesquisas de levantamento e de experimentos de laboratório, por exemplo, afirmam sua crescente isenção de situações com características de senso comum e de tratamentos documentários delas. Após a Segunda Guerra Mundial, uma enxurrada de manuais sobre métodos foi escrita para fornecer soluções para tais situações. Estes métodos destinam-se a descrever as maneiras de transformar situações de senso comum em situações calculáveis. Mais particularmente, o uso de modelos matemáticos e es-

quemias de inferência estatística são invocados como soluções calculáveis para os problemas de decidir a sensibilidade, a objetividade e a garantia, de forma rigorosa. Imensas somas de dinheiro de fundações, critérios de definição dos desenhos de pesquisa adequados, e muitas carreiras repousam na convicção de que isso é assim.

No entanto, é do conhecimento comum que, na esmagadora maioria das pesquisas que são metodologicamente aceitáveis, e, paradoxalmente, precisamente na medida em que são usados métodos rigorosos, as discrepâncias dramáticas são visíveis entre as propriedades teóricas dos achados *sociológicos* pretendidos dos pesquisadores e os pressupostos matemáticos que devem ser satisfeitos, se as medidas estatísticas forem utilizadas para a descrição literal dos eventos pretendidos. O resultado é que as medições estatísticas são mais frequentemente utilizadas como indicadores, como sinais de, como representando-a, ou se apresentando em nome dos achados pretendidos, e não como descrições literais deles. Assim, no momento em que os achados sociológicos devem ser decididos a partir dos resultados estatísticos<sup>12</sup>, “métodos rigorosos estão sendo declarados como soluções para as tarefas de descrição literal em razão de considerações ‘razoáveis’”.

Mesmo se for comprovado, nas investigações sociológicas, que estas características estão presentes, sem falar inclusive que são proeminentes, não é verdade que uma situação de investigação poderá receber tratamento documentário e que ainda o status factual dos seus produtos seria decidido de forma diferente? Por exemplo, não é o caso que há restrições contra a análise *ex post facto*? E não é assim que um pesquisador de campo, que descobriu, depois de ter consultado as anotações de quais problemas ele tinha obtido respostas “em última análise”, poderia voltar a solicitar uma permissão para realizar um “estudo confirmatório” das “hipóteses” que suas reflexões tinham rendido? Existe, portanto, qualquer relação *necessária* entre as características das situações de senso comum de escolha, o uso do método documental e *corpus de fato sociológico*? Deve o método documentário, necessariamente, ser utilizado pelo sociólogo profissional para decidir a sensibilidade, a objetividade, e garantia? Existe uma ligação necessária entre a matéria teórica, objeto da sociologia, assim como ela é constituída pela atitude e procedimentos para “ver sociologicamente”, por um lado, e os cânones da descrição adequada, ou seja, da evidência, por outro?

Dentre os métodos de observação literal e do trabalho de interpretação documental, o investigador pode escolher o primeiro e conseguir uma de-

literal rigorosa das propriedades físicas e biológicas de eventos sociológicos. Isso tem sido demonstrado em muitas ocasiões. Até agora, a escolha foi feita à custa, tanto da negligência das propriedades que fazem os acontecimentos sociológicos, quanto do uso de trabalhos documentais para lidar com as partes “suaves”.

A escolha tem a ver com a questão das condições em que a observação literal e o trabalho documental necessariamente ocorrem. Isso envolve a formulação de, e a solução para o problema da evidência sociológica em termos que permitam uma solução descritiva. Sem dúvida, a sociologia científica é um “fato”, mas no sentido de Felix Kaufmann de fato, isto é, em termos de um conjunto de normas processuais, que *realmente* regem o uso de métodos recomendados por sociólogos e achados declarados como base de inferências e investigações posteriores. O problema da evidência consiste na tarefa de tornar esse fato inteligível.

## NOTAS

1 Entende-se o termo “filiação de coletividade” em estrito acordo com o uso de Talcott Parsons em *The Social System e em Theories of Society, I, Part Two*, pp. 239-240.

2 Alfred Schutz, *Collected Papers I: The Problem of Social Reality (1962); Collected Papers II: Studies in Social Theory (1964); Collected Papers III: Studies in Phenomenological Philosophy (1966)*.

3 Karl Mannheim, “On the Interpretation of *Weltanschauung*”, em: *Essays on the Sociology of Knowledge*, p. 53-63.

4 *Ibidem*, p. 57.

5 Os dois casos que seguem representam material de conversa natural, porém foram transcritos sem a utilização de um sistema notacional para os fenômenos da fala. Garfinkel utiliza a vírgula no texto muitas vezes para simbolizar uma auto-interrupção na fala, fenômeno marcado no sistema notacional da Análise da Conversa Etnometodológica com um hífen (Ver SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Revista Veredas*, V. 7, n. 1 e 2, 2003. Tradução de: A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. *Linguage*, 50 (4), p. 696-735, 1974.).N. dos T.

6 Universidade da Califórnia, Los Angeles.

\* N. T.: Em inglês, *Air Force ROTC (Reserve Officers Training Corps)*, o corpo de treinamento dos oficiais da reserva da Força Aérea.

7 Ver Felix Kaufman, *Methodology of the Social Sciences* (New York: Oxford University Press, 1944), especialmente as p. 33-36.

8 Em seu artigo, “On the Interpretation of ‘*Weltanschauung*’”, Mannheim argumenta que o método documental é peculiar às ciências sociais. Existem nas ciências sociais muitas formas terminológicas de se referir a ele, a saber, “o método de compreensão”, “introspecção simpática”, “método de *insight*”, “método de intuição”, “método interpretativo”, “método clínico”, “compreensão enfática”, e assim por diante. Tentativas de sociólogos para identificar algo chamado de “sociologia interpretativa” envolve a referência ao método documental como base para encontrar e garantir seus achados.

9 Ver Robert K. Merton and Patricia L. Kendall, The Focused Interview, *American Journal of Sociology*, 51 (1946), 541-557.

10 Gostaria de agradecer aos Doutores Robert Boguslaw e Myron A. Robinson pelas muitas horas de discussão que tivemos sobre situações calculáveis e não calculáveis de escolha, quando estávamos juntos tentando trabalhar diretamente no problema do quão consistentemente bem sucedida uma jogada no jogo de xadrez é possível.

11 Em alguns casos, estudantes de tomada de decisão interessaram-se por esses programas que representam soluções totalmente calculadas aos problemas do tomador de decisão. Em outros casos, estudos apontaram o fato de que o tomador de decisão pode recorrer a regras probabilísticas para decidir a probabilidade diferencial, que um curso alternativo de ação alteraria um estado presente de coisas na direção desejada.

12 O termo “resultados” é usado para se referir ao conjunto de eventos *matemáticos* que são possíveis quando os procedimentos de um teste estatístico, como o coeficiente chi quadrado, por exemplo, são tratados como regras gramaticais de concepção, comparação, produção etc., de eventos no domínio matemático. O termo “achados” é usado para se referir ao conjunto de eventos sociológicos que são possíveis quando, sob a suposição de que os domínios *sociológicos* e matemáticos se correspondem em suas estruturas lógicas, eventos sociológicos são interpretados em termos das regras de inferência estatística.